



**Educação colaborativa:
o Facebook como motivação no ensino superior presencial¹**

Indiara FERREIRA²
Cíntia Cerqueira CUNHA³
Universidade de Uberaba (Uniube), Uberaba, MG

RESUMO

O papel da rede social *Facebook* como elemento motivacional a ser usado pelos professores para promover a interação, a pró-atividade e a participação efetiva dos alunos do Ensino Superior presencial, com vistas à construção do pensamento crítico e reflexivo. O objeto do estudo é o Projeto Facefólio, desenvolvido na Universidade de Uberaba (Uniube), de março a julho de 2011, na disciplina Fundamentos Científicos da Comunicação, envolvendo os 47 alunos do primeiro período de Comunicação Social, habilitações Jornalismo e Publicidade e Propaganda. O projeto contempla as possibilidades de interação do *Facebook* em consonância com as referências de Portfólio da Aprendizagem propostas na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Facebook; Metodologias de ensino; Ensino superior presencial; Comunicação e educação; Violência simbólica

INTRODUÇÃO

Inspirados pela pedagogia freireana (FONSECA, 2005), os professores do curso de Comunicação Social, da Universidade de Uberaba (Uniube), há alguns anos, desenvolvem uma série de experiências educativas que empregam as ferramentas da web, como blogs e central de blogs. Fonseca (2012) salienta que em uma sociedade complexa e repleta de rápidas transformações, o conhecimento não deve jamais ser tratado como algo estático. “Se prosseguir contentando-se com fórmulas solidificadas pela velha tradição, a escola será cada vez mais irrelevante diante da plasticidade do mundo contemporâneo” (FONSECA, 2012, p.81).

Nesta perspectiva, em 2011, com a popularização das redes sociais, o grupo de professores optou por experimentar as possibilidades de interação da rede social *Facebook*, também em consonância com as referências de Portfólio da Aprendizagem anteriormente

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais (GP Comunicação e Educação) do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Mestranda do Curso de Educação da Universidade de Uberaba (Uniube), especialista em Arte e Criatividade, também em Tecnologias Midiáticas (Unifran), email: indiara.ferreira@uniube.br

³ Mestre em Comunicação na Contemporaneidade e Especialista em Comunicação Jornalística pela Faculdade Cásper Líbero, email: cintia.cunha@uniube.br



também propostas. Os professores da Comunicação fundamentaram-se em Hernandez (2000) - para quem as anotações pessoais, as experiências de aula, as representações visuais, conexões com outros temas fora da Escola, entre outros estímulos proporcionam evidências das estratégias da elaboração e da construção do conhecimento; e em Vieira (2002) – para quem o portfólio é muito mais do que uma mera reunião de trabalhos, mas sim a ordenação das evidências de aprendizagem do aluno, que possibilitam a identificação das questões relacionadas ao modo como os estudantes e os próprios educadores refletem sobre os reais objetivos de sua aprendizagem, enfatizando aqueles realmente cumpridos e os que não foram atingidos.

Fonseca (2012) observa que esta tentativa de avaliação que busca respeitar “a vivência educativa enquanto processo” não é prática recente e nem restrita ao curso de Comunicação da Uniube. O Instituto de Formação de Educadores (IFE), da mesma instituição de ensino superior, teria adotado o portfólio nos cursos de licenciatura, em 2001.

Gusman (2002) salienta que a dinâmica de construir o próprio conhecimento é ser autor de sua caminhada profissional por meio da construção estratégica e criativa. O documento por ele elaborado em parceria com outros três docentes e um grupo de colaboradores, considera a experiência prática e sugere que a avaliação baseada em portfólios estimula o questionamento, a discussão, a suposição, a proposição, a análise e a reflexão.

As estratégias do Portfólio que sugerimos não incluem atitudes burocráticas ou padronizadas, mas sim a aprendizagem efetiva. O formato do Portfólio é totalmente livre e o aluno é estimulado a usar a criatividade para compô-lo mas isso não quer dizer que o aluno não possa organizar seu Portfólio da maneira mais tradicional na academia. (GUSMAN, 2002, p. 4)

Ainda segundo o autor, este estilo de aprender motiva a reflexão sobre o próprio aprendizado e pode levar a uma experiência de comunicação mais rica envolvendo o professor e o aluno.

Como justificativa para o Projeto Facefólio, os docentes também partiram da evidência de que os atuais alunos são reconhecidos como nativos digitais e não mais aqueles para os quais o nosso sistema educacional foi criado. No século passado, no “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, divulgado em 1932, já se defendia a substituição de uma aprendizagem passiva pela construção do conhecimento.



Diante desta busca, os docentes consideraram que a Internet, o *Ipad*, o *Facebook* e o *Google* promoveram uma revolução semelhante à invenção dos tipos móveis da imprensa por Gutenberg. Como forma de reforçar esta concepção de que seria necessário ousar mais uma vez, já que a escola faz-se desinteressante em meio aos tantos estímulos tecnológicos, o projeto baseou-se em dados de pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), que revelaram que 87% dos usuários de internet do país (39,3 milhões de pessoas) utilizam uma rede social - 83% deles para finalidades pessoais (*Facebook*, *Orkut*, *Twitter*).

Explorando a característica lúdica oferecida pela rede social *Facebook*, os professores da Comunicação Social fundamentaram-se novamente em Freire para referendar a necessidade de um instrumento de motivação para aluno no Ensino Superior, ou seja, a proposta do Facefólio é que os docentes inseridos no projeto testem esse ambiente do ciberespaço como ferramenta motivacional para promover a interação, a pró-atividade e a participação efetiva dos alunos do Ensino Superior presencial, quando estão longe das salas de aula, com vistas à construção do pensamento crítico e reflexivo.

O objetivo geral do projeto foi explorar e identificar o potencial educativo da rede social *Facebook* como recurso motivacional na Educação Superior presencial, tendo como referência os 47 alunos do 1º período do curso de Comunicação Social, na disciplina Fundamentos Científicos da Comunicação, ministrada no primeiro semestre de 2011, na Universidade de Uberaba (Uniuibe).

O projeto elencou como objetivos específicos: pesquisar a realidade dos alunos a partir do exercício da observação, percepção, análise crítica e criatividade na rede social Facebook; analisar os procedimentos práticos utilizados pelos alunos do Ensino Superior no Facebook para perceber os vínculos de conhecimento; observar e mediar ações, interagindo com os alunos; identificar como se constrói conhecimento considerando a realidade atual do aluno no ciberespaço; avaliar permanentemente sua prática; buscar novos paradigmas que orientam o pensar pedagógico.

O novo professor é um profissional que aprende em rede (ciberespaço da formação), sem hierarquias, cooperativamente (saber organizar o seu próprio trabalho) É um aprendiz permanente, um organizador do trabalho do aluno; consciente, mas também sensível. Ele desperta o desejo de aprender para que o aluno seja autônomo e se torne sujeito da sua própria formação. Por isso, o novo professor precisa desenvolver habilidades de colaboração (trabalho em grupo, interdisciplinaridade), de comunicação (saber falar, seduzir, escrever



bem, ler muito), de pesquisa (explorar novas hipóteses, duvidar, criticar) e de pensamento (saber tomar decisões). (GADOTTI, 2003, p. 54)

Os professores fundamentaram-se em GADOTTI (2003) outra vez para quem a reorientação curricular só tem sentido para todos os que dela participam se for uma atividade prazerosa.

2. METODOLOGIA

O Projeto Facefólio foi desenvolvido em grupo fechado do Facebook, de forma complementar à sala de aula, no primeiro semestre de 2011, a partir da disciplina Fundamentos Científicos da Comunicação, envolvendo os alunos do 1º período de Comunicação Social (<http://www.facebook.com/groups/109820949141512/#!/groups/fundamentos/>).

O Projeto Facefólio apresentou cinco distintas etapas. Na primeira, os professores estruturaram o grupo fechado no *Facebook*, no qual somente alunos da turma específica puderam participar.

Depois, aconteceu a inserção dos universitários no referido grupo, conforme a estimulação dos professores em sala de aula e, posteriormente, a definição das regras de participação. A cada conteúdo ministrado pelos professores no ambiente presencial, o aluno pertencente ao grupo deveria fazer sua postagem, apresentando conteúdos complementares ao tema.

Bruno Ávila
Acho q isso aqui vai dar uma discussão legal, e tem a ver com nós, calouros. Trote: O mito é que é uma boçalidade sem tamanho, um absurdo. Mas será que o trote é realmente tão mau assim?
Curtir · Comentar · Seguir publicação · Compartilhar · 25 de março de 2011 às 13:21

Renan Facure curtiu isto. Visualizada por 1

Bruno Ávila Quando eu era veterano na UFSC, um reporter ao ver os calouros, fez a seguinte reportagem.
<http://wp.clicrbs.com.br/visor/2010/03/04/quem-e-o-dono?topo=67,2,18,,77>
25 de março de 2011 às 13:22 · Curtir

Bruno Ávila E a respeito disso, eu e outros colegas mandamos e-mails para esse reporter explicando nosso trote, como funcionava e tudo mais. Tá tudo nesse link aqui!
<http://wp.clicrbs.com.br/visor/2010/03/05/os-donos-da-integracao?topo=67,2,18,,77>
25 de março de 2011 às 13:24 · Curtir

Bruno Ávila E por fim um vídeo dos calouros desse semestre, na gincana pediam pra queles fizessem um vídeo com a música "sou foda", tão ai o resultado.
<http://www.youtube.com/watch?v=k55qzCbu7xl> e
<http://www.youtube.com/watch?v=rPyVXLRZzeM>
25 de março de 2011 às 13:29 · Curtir

Renan Facure Sácumé né?
25 de março de 2011 às 13:43 · Curtir · 1



Poderiam ser inseridos textos, áudios e vídeos, com a finalidade de desencadear reflexões e comentários dos colegas do grupo.



Yasmin Santos
<http://www.facasper.com.br/noticias/index.php/2010/01/19/eco-desmonta-cultura-de-massa,n=2107.html>
Vale a pena ler.

Facasper – Eco desmonta cultura de massa
www.facasper.com.br
Umberto Eco, filósofo, escritor e linguista italiano, ganhou destaque acadêmico por seus trabalhos sobre semiótica e estética medieval. Também

Curtir · Comentar · Seguir publicação · Compartilhar · 26 de maio de 2011 às 15:35

Cíntia Cerqueira Cunha e Sarah Feliciano Visualizada por 1 curtiram isso.

Cíntia Cerqueira Cunha Hummm...acertou em cheio, hein, Yasmin Mazam. Ótima pedida!
27 de maio de 2011 às 23:47 · Curtir

Como monitoramento, os professores orientadores acompanharam diariamente a participação dos universitários mediante notificações via *e-mails* enviados pela rede social *Facebook* para um endereço eletrônico específico do Projeto Facefólio.

A última etapa do projeto foi a avaliação dos resultados realizada pelos professores coordenadores, considerando a mobilização, o número e as características das postagens, a profundidade das mesmas no que se refere ao conteúdo programático específico apresentado em sala de aula e a interação com os professores condutores. O Mapa de Desempenho da Turma elencava os seguintes conceitos e pontuação de referência numa escala de zero a dez: Insuficiente (1 ponto), Besteirol (4 pontos), Boas publicações (7 pontos) e Publicações Relevantes (10 pontos).



Priscila Ferraz
Para finalizar essa espécie de debate sobre o livro dos meios as mediações, encontrei uma entrevista "atual" do Jesus Barbero falando sobre redes sociais acho q combina né? hauUAHUha(só para complementar mesmo)

PORTAL LN **Dos Meios as Mediações – Portal Luis Nassif**
blogln.ning.com
Em visita ao Brasil, o filósofo Jesús Martín-Barbero fala sobre as chamadas redes sociais. Ele questiona o termo sociais para as relações e conexões que surg...

Curtir · Comentar · Seguir publicação · Compartilhar · 25 de Junho de 2011 às 19:52

Ana Caroline Naves, Matheus Trida e Adilson Visualizada por 1 Barros curtiram isso.

Adilson Barros Realmente Priei valeeu. adoreei.. esse Jesús awe ée um cara PHODA
25 de Junho de 2011 às 19:54 · Curtir

Escreva um comentário...



Significa que foram investigados de que forma se deu a mobilização dos universitários no projeto, o número e as características das postagens feitas pelos mesmos, a profundidade dessas referências a partir do conteúdo programático específico apresentados no ambiente presencial e a interação dos professores condutores.

Entre tantos exemplos de interação evidenciados na página do Facefólio, apresentaremos, na íntegra, o post do aluno do Jornalismo, Jefferson Genari, que resultou em 22 comentários em torno de temática específica trabalhada na sala de aula, em 27 dias consecutivos (<http://www.facebook.com/groups/fundamentos>).

No dia 27 maio, 0h23, o aluno Jefferson (27 postagens no Facefólio), iniciou a discussão sobre a sociedade contemporânea:

Gostaria de lançar uma discussão com vocês: Sabe-se que a sociedade esta em constante evolução. Mas em alguns aspectos, falta evoluir MUITO. O que agrada a população hoje é comprar. Todos gostam de passar em frente a uma vitrine e imaginar aquele par de sapatos ou tênis nos seus pés. Mas será que isso é o que ela precisa? Aonde foram parar as tardes no parque, atividades culturais, reuniões de amigos ou familiares em casa e o momento de lazer? Para vocês, o que traz a satisfação pessoal e felicidade para a sociedade atualmente? O que podemos fazer para não nos perder e resgatar nossa cultura?

Dois minutos depois, o aluno da Publicidade e Propaganda, André Moreno (16 postagens no Facefólio), foi o primeiro a interagir:

Acho que isso eh a evolução que esta acontecendo no mundo. Hoje em dia não tem mais crianças brincando de pique-esconde, amarelinha, pega-pega, bete etc. Hoje você olha as crianças estão na frente da internet em redes sociais e jogando jogos online. Não falando somente entre as crianças. Hoje os adultos também estão em constante aprendizado, porque se não eles ficam fora do mercado de trabalho. Procurando sempre evoluir em todos os aspectos. Talvez a tecnologia trouxe uma certa melhoria de vida. Hoje você consegue falar com pessoas distantes e sempre mantendo contato. Umas das coisas do gênero dessa cultura que sinto falta são de cartas. Hoje ninguém manda mais carta, não sentam em uma mesa para escrever e ter aquela emoção de enviar e esperar chegar tanto ao destino quanto a resposta. Hoje são e-mail, em questão de minutos a resposta já esta na sua caixa de mensagem. Acho que eh mais ou menos isso que esta acontecendo com um certo 'pronto' da nossa cultura. Mas ainda temos muitas coisas para explorar de nossa cultura que as vezes por certo medo, receio ou disponibilidade não fazemos. E vocês o que acham?

A discussão ganhou corpo durante a madrugada e o aluno residente na vizinha cidade de Araxá, Bruno Ávila, (25 postagens no Facefólio), à 1h26, apresentou seu ponto de vista:



Grade Jeff, eu discordo de você. Primeiro, porque a cultura do consumo já foi muito maior, lembra do american way of life? Quando a ordem era comprar? Hoje em dia não se vendem mais produtos, vendem-se ideologias (principalmente através de pessoas q influenciam). E daí nesse caso, sou obrigado a concordar contigo que o Jay-Z, pessoa de maior influência nos EUA e sua trupe de rappers pregam a ostentação. Mas isso é só mais um grupo. A tese de mestrado em sociologia de um amigo designer, resumida em 140 caracteres é o seguinte: A escolha de pseudo-off-roads no Brasil tem mais a ver com construção de relações sociais do que com as potencialidades do carro. Ou seja, produtos de hj não são para você ter, são para você se comunicar. E a parte boa, que me faz discordar de você é a seguinte. A geração que tá assumindo o comando agora é a tal Gen Y (vide vídeo abaixo) e os valores dessa geração são bem bacanas e podem reduzir em muito esse consumo banal e desenfreado. A cultura dos Y é a mais consciente ambientalmente do que qualquer outra geração, são adeptos do compartilhamento (o que também reduz o consumismo), adeptos da colaboração (couchsurfing ao invés de pagar hotéis). Essa galera quer trabalhar menos, viajar mais. Também aqui embaixo vou colar um artigo sobre o consumo dessa geração. Então te digo que eu realmente estou otimista em relação a isso, que a gente não tem cultura nenhuma pra resgatar e ela já tá mudando naturalmente. E dessa vez pra melhor, devido a descentralização da informação e das tendências.

Bruno, não parou por aí e, na sequência do comentário, interagiu por meio de um vídeo (<http://vimeo.com/16641689>), de um artigo (<http://www.cidademarketing.com.br/2009/ar/110/como-vender-para-a-gerao-y.html>) e continuou:

Ah, por sinal o último post do meu blog fala sobre a tal "Banda mais bonita da cidade" que virou um enorme viral e desafiou o antigo paradigma de que banda tinha q se vender pra indústria cultural e ser pasteurizada para conseguir o sucesso.

Dois minutos depois, o aluno Jefferson Genari propôs:

Não exploramos o consumo e a cultura corretamente por comodismo. Não se importando com as consequências. O consumo não é algo ruim Bruno, mas creio que ele ainda sim é o fator agravante para a população se perder culturalmente. Ele passa a ser prejudicial quando toma o lugar de coisas mais importantes de nossas vidas, como a economia de dinheiro para um futuro investimento e compramos algo pois vimos em uma propaganda.

O debate continuou a 1h40, com Bruno Ávila avaliando os dizeres do colega e inserindo outro colega no contexto:



Ah, sem querer causar aqui (ou seria calazar?). Parabéns pro Jefferson Genari por esse tipo de iniciativa. Criar uma discussão é na minha opinião a melhor maneira disso aqui funcionar. Porque os links pra ilustrar, como os q eu coloquei vem dentro de um contexto e já anteriormente explicado. É melhor q um simples "Olha só que interessante". O Renan Facure também fez isso de uma ótima forma no episódio Watchmen, parabéns pra ele também!

Instantaneamente, o aluno Jefferson agradeceu:

Obrigado. \o/

O agradecimento não significou o fim da reflexão, mas foi um estímulo para Bruno:

Claro que o consumo não é uma coisa ruim, muito pelo contrário, é ótima. Sobre o fato de relevância das coisas, quem dita isso é a sociedade. Não adianta você dizer q o investimento futuro é mais importante do que um tênis novo pra uma pessoa. Isso é a sua concepção! É mais sensato? Parece ser! Mas não é o certo, é tudo relativo.

E quando digo sobre melhoras na sociedade, vendo a sociedade cada vez mais em rede, digo que o poder de influência da indústria cultural centralizada (uma globo, por exemplo) está caindo muito mais. Porque agora recebemos estímulos de muitos outros lugares, de pessoas que conhecemos pelo twitter, q talvez em um link disseminem essa ideia de economia que você exemplificou, ao contrário da propaganda da TV.

Volto a repetir, com essa democratização da influência a indústria cultural está perdendo muita força para formadores de opinião naturais. E com isso volto aos valores dessas pessoas que já discorri acima. A cultura é reflexo da sociedade e não há nada de errado com ela. Ps problemas estão na sociedade e ao meu ver estão caminhando pra uma realidade melhor, com mais consciência coletiva.

À tarde, 14h41, uma das alunas mais atuantes no Facefólio, a universitária do Jornalismo, Jessica de Paula (68 postagens), trouxe sua vivência para enriquecer a reflexão:

Uma coisa que aprendi na época em que era hippie, é que se precisa de muito pouco para viver. A sociedade atual é consumista e ainda bem que é, pois essa indústria do consumo emprega um grande contingente humano. Hoje em dia adquirir bens e serviços é muito mais fácil. Telefone fixo, por exemplo, a pouco mais de 10 anos era um objeto de luxo, comprar ou vender uma linha telefônica era quase como comprar ou vender um carro. Hoje em dia até crianças possuem um telefone móvel. O consumo tem se democratizado, mas tem seus perigos também. As pessoas se sentem na obrigação de ter, para se sentirem inseridas na sociedade, isso quando não fazem do consumismo exagerado, uma válvula de escape para problemas emocionais.



Em menos de quatro minutos, o provocativo Bruno se apresentou novamente:

Esses perigos são problemas pessoais e são análogos à bebida e drogas e até exercícios, todos esses podem ser usados para inserção social e podem ser potencializados ao exagero como válvula de escape para problemas emocionais.

Jéssica concordou:

Exatamente. As coisas se tornam perigosas de acordo com a forma que são utilizadas. Uma faca de cozinha é só um utensílio doméstico. É a mão que a empunha que pode transformá-la em arma.

No fim da noite, uma das professoras atuantes no projeto, Cíntia Cunha, escreveu:

Infelizmente, a discussão ainda fica restrita a poucos. Porque será? Cadê as outras vozes da sala para debater com o Jefferson Genari?

Já de madrugada, 1h37, a aluna do Jornalismo, residente na vizinha cidade de Araxá, Ana Filomena Vecente, reagiu:

Então, pergunta para uma pessoa "montada" no dinheiro se ela é feliz ?? Claro que a resposta será sim, pois quando a pessoa tem dinheiro na maioria das vezes é rodeada de "amigos" (sempre de olho no material), muitos vivem como parasitas. Quanto a cultura eu penso que a cada dia que passa está esquecida vejamos tem gente que curte alguns sons (músicas) nada a ver e acham que é o máximo quando se fala em música clássicas criticam, zombam da gente pra mim música é cultura, como um bom livro, jornal, rádio ... Não existe mais brincadeiras de roda, lembro que quando era criança a gente que fabricava nossos brinquedos, hoje você pode escolher o tamanho, modelo, o preço e até mesmo a quantidade, as crianças já nascem com um celular do lado primeira palavra que eles falam é alô, oi rrsr. Um exemplo chega final de semana vai ao shopping e olha quem esta lá !!! Famílias fazendo compras, nas praças de alimentação não que isso seja errado ou a pior coisa do mundo, eu digo por que as pessoas não fazem mais tarefas juntas não à uma comunidade (equipe, companheirismo) pensa nelas próprias então na minha opinião devemos cultivar o que foi nos ensinado cultivar nossa origem se cada um fizer isso o mundo ou o país pode até melhor !!!! Vamos ao parque fazer um piquenique, ensinar nossas crianças a viver como crianças tudo no seu tempo.

No outro dia, 28 de maio, à tarde (14h56), Bruno retomou suas ponderações:

Sem demagogia, quem aqui já fez um piquenique? eu nunca fiz e nem vi ninguém fazer um

O diálogo online esquentou quando Ana Filomena respondeu:

Então Bruno eu já fiz piquenique....



À noite, a recordista de postagens Jessica ponderou:

Isso depende. As crianças da periferia (e eu sei pq moro em uma) Brincam sim na terra, na rua, soltam pipa, brincam de pique pega, pique esconde, jogam beto e também juntam umas moedas pra ir até a lan house jogar ou atualizar o orkut. Na periferia esses dois mundos (o tecnológico e o tido como "antigo") convivem e se misturam. E Bruno, a galera aqui em Uberaba costuma fazer piquenique em Peirópolis...

O aluno da Publicidade e Propaganda, Guilherme Rodrigues (17 postagens) desdobrou o assunto que perdeu o foco inicial:

No colegial, no Tiradentes SEMPRE fazíamos piquenique ! Bom demais hauahauhauhau.

Bruno entrou no clima:

Ahh, pode crer! Adoro o rango do restaurante que tem em Peirópolis. Aqui em Araxá temos o Barreiro, mas nunca vi ninguém fazendo piquenique lá. Aqui também rola a mesma coisa, não só na periferia... A criançada ainda brinca na rua, e do mesmo jeito q eu jogava videogame nas lojinhas, eles também vão a lan e nas mesmas lojinhas de videogame. Isso só pega mais em cidade grande. E na real, todo mundo fala de contato virtual como se fosse o bicho papão. Po, eu mantenho contato diário com pessoas de Floripa por conta das facilidades com a net, e isso não me impede de conhecer pessoas novas. A tecnologia só vem pra agregar... e isso aqui tá meio q saindo do assunto. De qualquer forma, eu volto a afirmar que não existe nada de errado com a sociedade, não temos nada o q salvar e já estivemos bem piores.

Jessica retomou o propósito do debate, sugerindo um novo desdobramento:

Voltando ao consumo, ontem ouvi uma matéria sobre os inadimplentes. As mulheres são a maioria no SPC em compras de pequeno valor. Já os homens são a maioria dos devedores em compras acima de 500 reais...

Em resposta, às 22h3, Bruno Ávila trouxe um link:
<http://estilo.uol.com.br/moda/ultnot/efe/2007/02/07/ult2968u40.jhtm>.

Três dias depois, em 31 de maio, às 18h22, a reportagem apresentada estimulou a participação do estudante de Jornalismo, Gilmar Dos Reis Santos (18 postagens no Facefólio):

Com certeza é o ter ... As pessoas classificam umas das outras pelo status, pelo que possuem ... Enquanto mais posição, mais prestígio ... Nós , seres humanos, estamos esquecendo das coisas mais simples... q tocam, q emocionam, q nos fazer ser mais humanos...



Em 13 de junho, a também estudante do Jornalismo, Sarah Feliciano (16 postagens no Facefólio), se apresentou:

Manifestação jovens aos países ricos, em um mundo rico de gente trabalhando em semiescravidão, mesmo produtos ficando parados. Sempre que compramos as coisas esquecemos que um minerador foi explorado, sangue; sofrimento, isso relacionado a produto de produtos vindo da china.

E complementou em outro post na sequência finalizando a discussão:

Informação sobre o ultimo vídeo apresentado pelo André em sala, achei interessante responder sobre isso nesse post, pois é na sociedade de hoje pensamos em ter, e não em ser, relacionando a essa tese de 'semiescravidão' pensemos na totalidade de nossas 'racionalizações'.

Esta interação no Facefólio que reverberou por praticamente um mês nos mostra não só os conceitos que mais mexem com os estudantes, mas também as suas histórias de vida, sua bagagem cultural, seu vocabulário, o poder de argumentação, a capacidade de síntese e de construir argumentos, além da percepção do próprio projeto na Internet.

De acordo com Azevedo (2005), é importante correr o risco de admitir a voz do aluno. Em diálogo com Freire, ele teoriza sobre o problema do saber e da ignorância. “Educação é muito mais “controlável” quando o professor segue o currículo padrão e os estudantes se adaptam e aceitam que somente as palavras do educador têm valor institucional”. (AZEVEDO, p.17)

O autor defende a livre produção do conhecimento como forma de expressão da criatividade e, conseqüentemente, da autonomia, conforme prevê o Facefólio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Facefólio contabilizou, de março a julho de 2011, 254 postagens dos alunos, envolvendo comentários simples, referências de “curtir” e disponibilização de material (vídeo, texto, áudio).

O Mapa de Desempenho da Turma apontou para o número recorde de postagens de uma aluna com 68 publicações. Dois alunos publicaram 30 vezes e, outros dois, 27 vezes. Três alunos fizeram entre 20 e 25 postagens. Oito alunos postaram de 15 a 20 vezes. Nove alunos fizeram entre 10 e 15 postagens. Seis alunos postaram de cinco a dez vezes no grupo. No total de 15 alunos fizeram até cinco postagens e apenas um aluno não postou nada.

Analisando os critérios e a pontuação de referência da escala de zero a dez (Insuficiente - 1 ponto, Besteirol - 4 pontos, Boas publicações - 7 pontos e Publicações



Relevantes - 10 pontos), dos 47 alunos, apenas um obteve nota zero no projeto Facefólio. Treze alunos obtiveram nota máxima no projeto; 24 alunos ficaram com média de nota entre um e cinco pontos; outros nove alunos receberam média entre seis e nove pontos.

Percebeu-se que os universitários sentem-se motivados a participar pela liberdade proposta pela rede social. Essa liberdade aguça a criatividade e, conseqüentemente, o espírito crítico e inovador tão desejado pelos educadores. Por outro lado, analisa-se a dificuldade do discente fruto da “educação bancária” em encarar as atividades livres e em ambientes não convencionais como atividades de aprendizagem. Duas evidências chamaram a atenção: no período em que os alunos consideraram que o grupo não seria mais avaliado (com nota), houve uma baixa significativa nas postagens. Alguns até voltaram a interagir no grupo, mas com postagens inconsistentes.

Outra consideração está ligada à violência simbólica e à reprodução, defendidas por Bourdieu (1982). Notou-se esse aparecimento nas relações verticais - entre professores e alunos -, que reproduziram os comportamentos de sala de aula, assim como nas relações horizontais - entre os próprios universitários -, que estabeleceram suas panelas e demonstraram suas predileções pessoais conforme as mensagens postadas pelos colegas. Algumas vezes de forma bem explícita pelo conteúdo positivo ou negativo das postagens e outras das formas sutis permitidas pela plataforma, como apenas “curtir”.

Destaca-se, no entanto, a atuação de quatro alunos que jamais abandonaram o grupo e sempre se mantiveram dentro da proposta de atuação na rede. Alunos que demonstraram habilidade com a ferramenta e histórico de interesse pela busca de conteúdo na web.

Os proponentes do projeto defendem a ideia de que não se deve avaliar apenas o resultado final, mas, principalmente, o processo, entendendo que no Facefólio o aluno, ainda que não comente ou curta, tem a perspectiva de produzir conhecimentos de forma contínua, a partir da observação das postagens, ou seja, é a construção do saber cotidiano no ambiente que lhe é próximo. Articular esta situação de aprendizagem foi um momento de intenso aprendizado, que apenas começou. O projeto, inicialmente aplicado entre alunos de Comunicação Social, atualmente é desenvolvimento em outras duas matérias do curso e ganhou também adesão de outras habilitações da instituição: Psicologia (disciplina Produção do Conhecimento Científico em Psicologia 1), da Administração (disciplina Fundamentos e Comércio Exterior) e do Mestrado em Educação (disciplina Fundamentos Teóricos da Educação).



REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1982.

FONSECA, André Azevedo da. Jornalismo para a transformação: a pedagogia de Paulo Freire aplicada às diretrizes curriculares de Comunicação Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0561-1.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2013.

FONSECA, André Azevedo da. Portfólio digital: o blog no recurso pedagógico no ensino superior. In: **Semina**: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 33, n. 1, p. 81-90, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/14413>>. Acesso em: 13 maio 2013.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho. Ensinar e Aprender com sentido**. Rio Grande do Sul: Feevale, 2003.

GUSMAN, Antonio Barioni e tal. **Portfólio: conceito e construção**. Instituto de Formação de Educadores. Universidade de Uberaba. Uberaba, 2002. [fotocópia]. 6 p.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIEIRA, Vania M.O. Portfólio: Uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem. In: **Revista: Psicologia Escolar e Educacional. ABRAPEE**. v. 6 n. 2, junho/dezembro 2002. p.149-153.